



OS PARAENSES
ACOMPANHAM A
PROCISSÃO DO
CÍRIO DE NAZARÉ

Círio. A procissão, que se realiza anualmente em Belém e da qual participam cerca de 400 mil pessoas, começa às sete horas da manhã e termina perto das onze. Ela sai da Catedral e vai até a Basílica, situada alguns quilômetros adiante, percorrendo as ruas centrais da cidade. Como dispúnhamos de pouco tempo, os trabalhos assumiram uma feição de reportagem. Isso causou modificações substanciais no roteiro e na montagem.

FC — O que significa a procissão do Círio como festa religiosa?

R — A procissão surgiu da devoção dos paraenses a Nossa Senhora de Nazaré, em princípios do século dezoito. O Círio é considerada uma homenagem à santa, tida como milagrosa. O povo faz promessas o ano inteiro e, atendidas, pagam-nas no segundo domingo de outubro, dia da procissão. O entusiasmo pela festa chega, às vezes, ao fanatismo. O dia do Círio, em Belém, se iguala ou supera até mesmo o Natal e o Ano Novo.

FC — Vocês procuraram filmar segundo as técnicas do cinema-direto ou pelo método tradicional?

R — Não nos preocupamos em seguir escola nenhuma. O que se tentou fazer foi documentar um fato da maneira mais objetiva e didática possível, segundo as condições que nos foram oferecidas. Isso, porém, não impede que o filme lembre em certas seqüências algum tipo de cinema e idéias cultivados por nós anteriormente.

FC — Quais os seus projetos?

R — Vamos ver se poderemos reunir os conhecimentos adquiridos nesta primeira experiência em outros curtos. As oportunidades são difíceis, no Pará, mas tentaremos. Quanto à possibilidade de realização de um longa, julgamos ser ainda muito cedo para qualquer plano. O

filme longo teria para nós implicações técnicas mais problemáticas do que as de um curto. Em *O Círio*, por exemplo, utilizamos apenas duas câmaras para filmar uma multidão de 400 mil pessoas, quando deveríamos ter empregado no mínimo quatro. Veja o caso de *Woodstock*: filmando o mesmo número de pessoas usou dezesseis câmaras. Todas as limitações que o mercado brasileiro cria não nos permitem, por enquanto, pensar em um longa.

GOLFINHO E ESTÁCIO PARA DAVID E COSME

David Neves, diretor de *Memória de Helena*, e Cosme Alves Neto, conservador da Cinemateca do Museu de Arte Moderna, foram as mais destacadas personalidades da cena cinematográfica em

1970, segundo a opinião dos críticos e historiadores que compõem o Conselho de Cultura Cinematográfica do Museu da Imagem e do Som. Por isso, ambos receberam, em janeiro último, respectivamente, os prêmios "Golfinho de Ouro" e "Estácio de Sá".

Considerado um dos pioneiros do Cinema Novo, David Neves demorou sete anos para concretizar seu lance na área do longa-metragem. Nesse intervalo teve importante atuação na CAIC (Comissão de Auxílio à Indústria Cinematográfica), da Guanabara, e na Divisão de Cinema do Departamento Cultural do Itamaraty. Escreveu um livro sobre o "Cinema Novo no Brasil" (1966) e fez, quase ininterruptamente, vários curtas: *Mauro Humberto*, *Colagem*, *Jaguar*, *Vinicius* e *Tarzan* (co-dirigido por Michel do Espírito Santo). No ano passado, dirigiu dois longas: *Lúcia McCartney* (ver

entrevista neste número) e *Um Amor de Mulher*.

Além do troféu, David recebeu um prêmio em dinheiro de 15 mil. Seu concorrente mais forte ao "Golfinho" foi Carlos Diegues, com o filme *Os Herdeiros*.

Conservador da Cinemateca do MAM há dez anos, Cosme Alves Neto foi membro do Serviço de Informações Cinematográficas da Central Católica de Cinema (órgão da Conferência Nacional de Bispos do Brasil) e fundador do Grupo de Estudos Cinematográficos da União Metropolitana de Estudantes. Sua contribuição à frente da Cinemateca foi e continua sendo inestimável, porque: 1) transformou aquele órgão num verdadeiro museu de cinema, com um dos maiores acervos de filmes e documentos da América Latina; 2) deu-lhe a dimensão de um instrumento vivo e dinâmico na promoção do cinema brasileiro.

COSME ALVES NETO, O DIRETOR PAULO CESAR SARACENI E A HISTORIADORA ALEMÃ LOTTE EISNER

